

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA -UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
PROJETO-PROFESSOR NOTA 10

Dílson Batista da Silva
Rosileia Rita Bardini
Sílvia Leila De Moura
Vandelice Ferreira Guedes
Zenaide Kury Bellino

INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Brasília, 2005.

Dilson Batista da Silva
Rosiléia Rita Bardini
Sílvia Leila de Moura
Vandelice Ferreira Guedes
Zenaide Kury Bellino

INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília -
UniCEUB como parte das
exigências para conclusão do
Curso de Pedagogia - Formação
para as Séries Iniciais do
Ensino Fundamental –
Projeto Professor Nota 10

Orientador: Dra Cássia Maria Ramalho Salim

Brasília, 2005

DEDICATÓRIA

Dedicamos essa obra a todos os professores que com simplicidade, amor e muita criatividade fazem a diferença. A estes profissionais que são a alavanca da nossa sociedade. O suporte que vai além de mera transmissão do conhecimento, mas, que compreende a profundidade da alma. A todos que traduzem a vida como algo mais que uma simples passagem capazes de compreender-se como sujeitos ativos e transformadores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao nosso grandioso Deus que nos capacitou com coragem, força e determinação. Aos nossos familiares que aliaram-se aos nossos sonhos compreendendo e estimulando e muitas vezes trabalhando juntos para sua concretização.

A Secretaria da Educação e governo do DF que contribuíram de forma direta para que a realização da formação continuada fosse possível à categoria e que agora se reverte em forma deste trabalho.

EPÍGRAFE

Se uma criança vive sendo criticada

Aprende a condenar.

Se uma criança vive com hostilidade

Aprende a brigar.

Se uma criança vive envergonhada

Aprende a sentir-se culpada.

Se uma criança vive com tolerância

Aprende a confiar.

Se uma criança vive valorizada

Aprende a valorizar.

Se uma criança vive com igualdade

Aprende a ser justa.

Se uma criança vive com compreensão

Aprende a acreditar em si própria.

Se uma criança vive com amizade e carinho

Aprende a encontrar amor no mundo.

Vida Rural

RESUMO

Neste estudo foi realizado uma reflexão sobre indisciplina e violência em sala de aula, comportamentos que tem sido de grande preocupação entre o corpo docente e que se tornou uma realidade em âmbito mundial, atingindo não só uma ou outra classe social, mas permeando todas as classes sociais e culturais. Nessa perspectiva foi apresentados alguns estudos que foram desenvolvidos permitindo compreender a existência de inúmeros fatores que influenciam no comportamento da criança. A questão da indisciplina e violência é referida tendo como causa a falta de limites. A violência é devido ao fato da falta de limites trazida de casa pelas crianças e adolescentes. Da mesma forma é motivada pela ausência de valores, falta de regras, excessivo autoritarismo, mudanças sociais. O objetivo deste estudo foi o de verificar os comportamentos indisciplinados no contexto escolar. Foi utilizado como coleta de dados observação sistemática em sala de aula, das atitudes comportamentais de alunos referidos como indisciplinados. As observações foram realizadas em séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Pública de Sobradinho, DF.

Os resultados apontam que os alunos considerados indisciplinados pelo professor, demonstraram atitudes citadas na literatura como comportamento indisciplinado e que constitui um dos fatores que causam o fracasso escolar e as dificuldades na aprendizagem, além de influenciar na prática pedagógica do professor.

Sumário

Introdução.....	08
Fundamentação Teórica.....	10
Indisciplina: Conceituações e Considerações.....	16
Indisciplina no Contexto Familiar	
Indisciplina no Meio Educacional.....	19
Indisciplina como Fenômeno Social.....	21
Indisciplina como Fenômeno Escolar.....	23
Violência.....	28
Violência no contexto Escolar.....	30
Violência como Fenômeno Social.....	33
Referencial Metodológico.....	34
Tabela.....	35
Gráfico.....	36
Tabela de Categorização.....	37
Análise dos Resultados.....	40
Referencial Bibliográfico.....	42
Anexos.....	45

INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA

I - Introdução

A indisciplina como fenômeno essencialmente escolar, é tão antigo que já em alguns textos de Platão como "Protágoras" e Leis, e nas confissões de Santo Agostinho, já testemunhavam como indisciplina sendo uma preocupação. Em todas as épocas a indisciplina pode ser considerada com um dos fatores de angústia e desespero do professor ou dos profissionais da educação. Existem algumas características próprias da indisciplina na escola e adquire significado em relação ao processo pedagógico ao considerar a problemática inerente na situação ensino-aprendizagem.

De acordo com Di Santo (2005) há duas décadas, vêm sendo realizados estudos que demonstram que as escolas estão vivendo um dos momentos mais crítico, no que diz respeito à questão da disciplina. Por um lado, pode-se dizer que na escola são vividos os problemas sociais e como a sociedade está vivenciando um período de turbulência. No que diz respeito à violência, a escola ao ter como uma de suas funções a de formar o aluno, preparando-os para o seu papel na cidadania é peça fundamental para refletir sobre esta questão. Por outro lado, sabe-se que muitos são os fatores que interferem na questão da indisciplina e a violência que vem se alastrando a cada dia mais, não só no contexto social bem como no interior das escolas.

Nos últimos anos a questão da indisciplina e os problemas que acarreta em sala de aula têm se acentuado, provocando junto ao corpo docente motivo de preocupação e reflexão em busca de possíveis alternativas que visam atenuar as conseqüências causadas por esse tipo de comportamento.

Parece que este problema tomou proporções alarmantes e que se tornou uma realidade em âmbito mundial atingindo não só uma ou outra classe social, mas permeando todas as classes sociais e culturais.

Para entender os determinantes que causam a indisciplina ou degeneram a disciplina na escola, originando a violência com colegas, professores e funcionários da escola, tem sido motivo de pesquisas correntes não somente nas áreas da sociologia e psicologia como também na pedagogia.

Nesse sentido, cabe ao professor entender a educação como um processo de construção individual, coletiva e contínua, responsabilizando-se pela transformação do sujeito consciente de sua cidadania. Podemos refletir sobre a instituição educacional, na qual a qualidade depende majoritariamente da maneira pela qual é dado o foco na condução das atividades que são desenvolvidas na sala de aula. A escola não consiste somente em um lugar onde são repassadas informações ou ensinadas técnicas e estratégias, mas também se constitui no lugar e momento propícios para a formação de valores na criança e nos jovens. Ao buscar esta qualidade, sempre se está reformulando as práticas pedagógicas, produzindo mudanças na comunidade e processo educacional.

Atualmente muito se fala sobre mudanças na educação, quando e onde, teóricos, pedagogos e outros têm formulado reflexões críticas e até mesmo reformulado e estendendo conceitos visando essa transformação.

Para tanto, faz-se necessário refletir sobre as posturas acadêmicas do professor, no sentido de qual contribuição lhe cabe neste processo, principalmente ao considerar o aluno como um ser em totalidade e não apenas como um arquivo de conhecimento.

Portanto, este estudo pretende estabelecer a compreensão ampla das questões inerentes à relação entre indisciplina na escola e conseqüente violência, a fim de fornecer subsídios que possam orientar os educadores que se preocupam com a formação integral do aluno.

Neste sentido, repensar o processo educacional, buscando a aquisição de novos conhecimentos é o objetivo desse estudo. Para isto uma revisão da literatura pertinente será realizada, procurando relacionar a indisciplina na escola e violência na comunidade escolar e social. Um estudo de caso de uma classe previamente selecionada por ser caracteristicamente indisciplinada será efetuado, para categorizar o comportamento indisciplinado do aluno das séries iniciais do ensino fundamental, no Distrito Federal.

II – REFERENCIAL TEÓRICO

1 - INDISCIPLINA: CONCEITUAÇÕES E CONSIDERAÇÕES

Ao procurar conceituações sobre o fenômeno escolar, indisciplina, observa-se que o termo reveste de complexidade e ambigüidade, dependendo da orientação. Considerando que indisciplina é o contrário de disciplina, muitos autores partem da conceituação de disciplina, estabelecendo depois o contrário.

Assim, alguns autores ao discorrerem sobre indisciplina a partir dos pressupostos kantianos, (La Taille, 2000; Freller, 2001; Longarez1, 2001) dizem que disciplina é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem. Trata-se de educar o homem para ser homem, redimi-lo de sua condição animal.

Guimarães (apud Aquino, 1996, p.73) considera disciplina como um regime de ordem imposta ou livremente consentida que convenha ao funcionamento regular.

Enquanto que para Ribonlet (1961), a disciplina é o conjunto dos meios próprios que garantem os bons resultados da instrução e da educação. Sendo assim ela não passa do meio essencial, indispensável para o ensino. É a grande alavanca da educação digna deste nome.

Sendo assim, Jaime Funes (apud Antunez, 2002, p.15) conceitua disciplina como um conjunto de mecanismos e estratégias que permitem criar um clima educacional em sala de aula , mas ressalta a idéia de que existem professores que a definem como estratégias de calma, tranqüilidade e controle.

Para Rego (apud Aquino1996, p.85), o meio educacional costuma compreender a disciplina como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo.

Argento (2002) ao considerar Foucaut,(1997) estabelece que a disciplina consiste em métodos que permitem controlar o corpo e realizar um domínio constante sobre as suas forças impondo uma relação de docilidade e utilidade.

O conceito encontrado nos dicionários conforme Rebelo (2002) evidencia o significado da palavra: significa regime de ordem imposta ou livremente consentida. Significa também ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar ou escolar). Podendo ainda significar relações de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor e por fim: Observância de preceitos ou normas submissão a um regulamento.

De acordo com Guimarães apud Aquino (1996) a disciplina considerada como um "regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento de uma organização" implicaria necessariamente na observação de normas, preceitos e leis, pré-estabelecidos.

Para Tiba (1996), disciplina é o conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito ao bem estar. Para o autor a disciplina não depende exclusivamente de um indivíduo: pressupõe a existência do disciplinador e do disciplinado em função de um objetivo, num determinado contexto. O contexto da disciplina relaciona-se com o local e valores culturais vigentes. Este considera que disciplinar é um ato complementar, isto é, depende das características pessoais do disciplinado e do disciplinador. Portanto, diferentes professores conseguirão diversos resultados com uma mesma classe, e várias classes promoverão diferentes comportamentos num mesmo professor.

Grüspun (1985), conceitua disciplina como técnica através da qual se atinge a autoridade e a liberdade, portanto, a disciplina é a que fornece ao indivíduo a técnica para viver em sociedade. Afirma que a disciplina é a técnica da obediência, é o treino, a experiência que molda, corrige, reforça e aperfeiçoa a faculdade obedecer as normas internas do indivíduo ou seja aquelas regras que estão vinculadas ao crescimento próprio do Eu. O autor considera ainda que é a disciplina que prepara a criança para se conduzir com obediência voluntária às normas do grupo social.

Rebelo (2002), ainda completa que a disciplina é também o controle do indivíduo no tempo, a qual vem como objetivo atingir com rapidez e eficiência o máximo de produção.

No que diz respeito à complexidade e ambigüidade do tema indisciplina La Taille apud Aquino (1996) conceitua a indisciplina a partir da negação de outro conceito: disciplina. Pode-se entender disciplina como comportamento regido por um conjunto de normas. Ao negar este conceito duas formas podem ser extraídas conduzindo a ambigüidade. A primeira consiste na revolta contra as normas. A outra forma diz respeito ao desconhecimento das normas. No primeiro caso a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente, no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. O autor considera que o cinismo (negação de todo o valor) tem sido um dos desarranjos em sala de aula, afirmando que no passado o professor falava e os alunos estavam dispostos a aceitar ou discordar e propor, contudo, atualmente se tem um "auditório de surdos". Este conclui que a indisciplina em sala de aula é entre outros fatores, decorrência do enfraquecimento do vínculo entre a moralidade e sentimento de vergonha.

O autor Içami Tiba (1996) ao considerar disciplina faz uma análise a respeito de disciplina escolar conceituando-a como um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. É uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em sala de aula, como em qualquer relacionamento humano na disciplina também é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos professor /aluno e ambiente. De acordo com autor o aluno é também peça chave para a disciplina escolar e o sucesso da aprendizagem. A maior dificuldade atualmente encontrada é a falta de motivação para estudar, porém quando o aluno tem interesse em ganhar alguma coisa, se torna mais disciplinado. Ainda segundo Tiba o ambiente escolar também interfere na disciplina, classes muito barulhentas, salas apertadas, quentes e superlotadas são locais pouco prováveis para se conseguir uma boa disciplina, no entanto, a condição que mais prejudica é o estado psicológico. Um professor que trabalha numa instituição que sempre protege o aluno, independentemente do fato de este ter ou não razão, não tem respaldo da instituição de que precisa.

De acordo com Lizine (1994). A verdadeira disciplina é aquela que o indivíduo se impõe a si mesmo. A criança é demasiada pequena para ser capaz de exercer esse controle. Cabe ao adulto dirigi-la organiza-lhe um regime de vida tal que ela possa aprender o mais

cedo possível a escolher e dirigir suas ações. A disciplina não tem outro fim senão ensinar a criança a fazer o melhor uso desta independência.

Segundo Cloud e Townsind (2001), o limite é a linha demarcatória que identifica uma pessoa, ela determina onde termina e a outra começa. Se conhecermos os limites de uma pessoa, sabemos o que podemos esperar dela. Podemos exigir responsabilidade em relação aos sentimentos, atitudes ou comportamento. No relacionamento com outra pessoa, podemos determinar o que um pode esperar do outra e quais as responsabilidades que cada um deve assumir para si. Se cada pessoa cumpre a sua parte, o relacionamento se desenvolve e todos alcançam os seus objetivos. Com as crianças não é diferente. A criança precisa saber onde o limite dela começa e o que é ou não de sua responsabilidade. Se ela souber que o mundo espera que assuma a responsabilidade por si própria e por sua vida então aprenderá a viver segundas essas exigências e a se dar bem. Contudo, se ela crescer sem saber quais são seus próprios limites (quais as suas responsabilidades) e os limites dos outros (quais as responsabilidades dos outros), não vai desenvolver o autocontrole necessário para viver bem. Ela crescerá com limites indefinidos, que conduzirão ao caminho oposto: tentar controlar os outros e perder o próprio controle. Está claro por que a criação dos filhos é tão difícil. As crianças não nascem com limites. Elas interiorizam os limites por meio de relações externas e da disciplina. Para que aprendam pelo que são e não são responsáveis, os pais precisam ter limites bastante claros e se relacionar com elas de uma forma que as ajude a aprender a ter seus próprios limites.

Para Samalin e Whitney (2003) é responsabilidade dos pais definir limites apropriados, manter seu filho saudável e seguro e estabelecer a ordem em sua casa. Tudo isso exige muita firmeza, para estes autores, os pais podem encontrar um equilíbrio entre o limite e a flexibilidade. Em toda família, há questões negociáveis e não negociáveis. As regras não negociáveis se relacionam a segurança, questões básicas e valores fundamentais. As regras negociáveis são aquelas que se pode contornar, mesmo se o comportamento apresentado causar aborrecimentos e envolverem preferências pessoais, gostos discrepantes e conveniências. Segundo os autores é imprescindível que se aprenda a observar melhor às regras percebendo que existem modos diferentes de alcançar o objetivo desejado. Quando se dá aos filhos ou aos alunos a opção de decidirem como o objetivo será alcançado e permitir que sintam se mais no controle, é menos provável que resistam.

Quando os pais proporcionam a seu filho um pouco de liberdade e flexibilidade nas questões cotidianas, descobrirá que ele responde bem ao desafio de tomar suas próprias decisões, além de perceber que a vida geralmente oferece várias possibilidades para se alcançar um objetivo. Os autores ressaltam que para impor limites é necessário lembrar que o tom da voz e as palavras com que se usam perante as crianças podem fazer toda a diferença entre uma luta de poder feroz e um espírito de reciprocidade. O ponto chave é declarar suas regras e expectativas. Uma demonstração de raiva apenas aumenta a resistência da criança quanto à mensagem. Sugere-se que os pais bem como os professores façam listas separadas de questões negociáveis e não negociáveis. Lembrando-se que “negociável” não significa que vale tudo, apenas que a flexibilidade é possível. Essa abordagem requer esforço e paciência, especialmente no início. Quando se estiver cansado ou ocupado ou a criança estiver sendo particularmente inflexível, ela pode parecer impossível. Neste caso é bastante tentador ceder para evitar uma cena de discussão; mas deve-se tentar conseguir que as crianças sigam de maneira séria as regras não negociáveis, não apenas reduzirá tensão de ambas as partes, como também ensinará a elas, uma lição importante sobre autodisciplina. Enfatizam que às vezes pode parecer que os ataques de fúria são o principal meio de comunicação de uma criança. Os gritos penetrantes e a inundação de lágrimas podem sinalizar fadiga frustração, fome raiva, decepção ou desconforto. Ataques de fúria podem deixar os pais e professores loucos e fazê-los ter vontade de ter um ataque também. Apesar de extremamente desagradáveis, são perfeitamente normais em crianças pequenas já que não se resumem a uma questão de saber se comportar ou não. Uma criança pequena literalmente não pode reprimir seus sentimentos, pois vive em um universo melodramático no qual qualquer questão é de extrema importância. Também faltam a ela as habilidades de linguagem para expressar seus sentimentos.

Segundo Samalin e Whitney (2003) é trabalho dos pais impor limites. Mas, a meta dos filhos é tentar escapar deles em qualquer oportunidade. Os pais devem fornecer estrutura, eles querem liberdade. Os pais precisam garantir a sua segurança, eles são atraídos pela aventura e o perigo. Os pais querem a consciência das conseqüências e os filhos são impulsivos e completamente imersos no aqui e agora. Finalmente, a escolha não tem de estar entre ser muito permissivo ou muito rígido. Há outro caminho que se chama

autoridade. Ser permissivo significa ter de subornar, pleitear e ceder freqüentemente levando a criança a ser feliz com os limites que lhe é imposta. Enquanto que ser rígido é quando os pais assumem um autoritarismo excessivo e esperam obediência inquestionável. Ser muito autoritário significa obediência total das crianças a qualquer custo. As crianças nem sempre precisam de uma explicação nem têm que gostar de regras impostas. Criar filhos de forma muito autoritária gera rebeldia e mesquinhez. Para estes autores convém lembrar que impor limites não se pode comparar a impor castigos e sim, é ensinar as crianças a pensarem, argumentarem, planejarem e anteciparem os resultados de suas ações, ou seja, ensinar como ser responsável. O melhor modo para realizar isso é ajudar as crianças a aprenderem por meio das conseqüências. O castigo normalmente é ineficaz porque seu objetivo é fazer a criança se sentir mal, e não a ajuda a se comportar de maneira diferente de uma próxima vez. Usar as “conseqüências” possibilita às crianças uma maneira de antecipar os resultados de um comportamento inaceitável e de participar de um plano para mudá-lo. Geralmente o castigo não diminui a freqüência do comportamento problemático. Se a criança continua sendo castigada e o comportamento dela não muda, está na hora de procurar uma abordagem diferente. Sendo assim, o objetivo dos pais é dar vida ao aprendizado de seus filhos cabendo a família e aos professores instruir, ensinar e ajudá-los a desenvolverem a auto disciplina. Estes afirmam que uma das metas da disciplina positiva é ajudar as crianças a estarem atentas ao comportamento inaceitável e instigar nelas um desejo de fazer o melhor, apesar de muitos dos métodos disciplinares que os pais usam não terem, de modo algum, esse efeito. Ao invés disso, o castigo disfarçado de disciplina pode fazer uma criança sentir ressentimento e fúria por seus pais. Esse é um dos motivos porque bater é tão ineficaz.

2 - INDISCIPLINA NO CONTEXTO FAMILIAR

Segundo Tiba (2002), a auto estima começa a se desenvolver numa pessoa quando ela é ainda bebê. Os cuidados e os carinhos vão mostrando à criança que ela é amada e cuidada. Nesse começo de vida, ela está aprendendo como é o mundo a sua volta e, conforme se desenvolve, vai descobrindo seu valor a partir do valor que os outros lhe dão. É quando se forma a auto-estima essencial. A auto estima continua a se desenvolver conforme a pessoa se sente segura e capaz de realizar seus desejos e, futuramente, suas tarefas. É a auto-estima fundamental. Para os pais, o amor

incondicional que sentem pelos filhos está claro, mas para os filhos nem sempre esse amor é tão claro assim. É importante para a criança que, mesmo que a mãe e o pai reprovem determinadas atitudes dela, o amor que sentem por ela não está em jogo. O respeito à criança lhe ensina que ela é amada não pelo que faz ou tem, mas pelo simples fato de existir. Sentindo-se amada, ela se sentirá segura para realizar seus desejos. Portanto, deixá-la tentar, errar sem ser julgada, ter seu próprio ritmo, descobrir coisas permite à criança perceber que consegue realizar algumas conquistas. Falhar não significa uma catástrofe afetiva. Assim, a criança vai desenvolvendo a auto-estima grande responsável, por seu crescimento interno, fortalecendo-se para ser feliz, mesmo que tenha de enfrentar contrariedades. O que alimenta a auto-estima é sentir-se amado incondicionalmente e também o prazer que a criança sente de ser capaz de fazer alguma coisa que dependa só dela. Não o prazer ganho. O filho desenvolve a auto-estima quando brinca com o que ganhou, interage e cria novas brincadeiras; guarda o brinquedo dentro de si, sente sua falta e principalmente cuida dele. O brinquedo ganho adquire, então, significado para ele. Crianças que ganham uma infinidade de lembranças que mal conseguem guardar não têm como desenvolver auto-estima suficiente para gerar felicidade. O presente que vai alimentar a auto-estima do filho é aquele que ele sente que merece. Sem dúvida, é muito prazeroso para os pais dar presentes que agradem os filhos. Mas o princípio educativo é que os filhos sejam pessoas felizes, e não simplesmente alegres. A alegria é passageira e a capacidade de ser feliz deve pertencer ao filho. O prazer do 'sim' é muito mais verdadeiro e construtivo quando existe o "não". A criança fica muito alegre quando brinca e interage., sua auto estima melhora. Mas nem por isso a auto-estima diminui ao ouvir um "não". O "sim" e o "não" estabelecem limites para a criança, que aprende o que pode e o que não pode fazer. Nunca poder é ruim mas poder sempre também não é bom. O "sim" só faz sentido se existir o "não". Saber a diferença entre "sim" e "não" confere à a criança poder de decisão sobre suas escolhas, poder que alimenta sua auto-estima. Portanto, não são o "não" nem o "sim" que traumatizam a criança, mas o mau uso deles.

Para Tiba (2002), as crianças apresentam um contato social muito precoce. Ainda sem completar a educação familiar, a criança já está na escola. O ambiente social invade o familiar não só pela escola, mas também pela televisão, Internet não se obedece mais a

ordem primeiro o indivíduo, depois a família, e por último a sociedade. Há uma mesada do ambiente familiar com o comunitário. Se ela prejudica ou não as novas gerações, ainda é cedo para avaliar. Mas fica em evidência que as crianças têm dificuldades de estabelecer limites claros entre a família e a escola, principalmente, quando os próprios pais delegam à escola a educação dos seus filhos. A escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem o papel de complementar a da família. Por mais que a escola propicie um clima familiar à criança ainda assim é apenas uma escola. A escola oferece condições de educação muito diferentes na família. A criança passa a pertencer a uma coletividade, que é sua turma, sua classe, sua escola. É um crescimento em relação ao “eu” de casa, pois ali ela praticamente é o centro.

Segundo Tiba (2002), para que os pais possam conhecer realmente seu filho é importante estar bem informado de seu comportamento na escola. Embora não seja de sua competência, muitas vezes a escola pode orientar os pais a superar dificuldades domésticas com o filho antes que seja necessário um tratamento psicológico. Muitas escolas, por lidar com grande número de crianças, têm mais experiência de cada um de seus alunos que os pais. A voz da experiência da escola, bem ouvida, pode ser bastante útil num momento em que a família está totalmente perdida sobre a maneira como deve proceder com o filho. Se todos os pais soubessem dessa responsabilidade de ajuda e tivessem a sabedoria de procurar a escola mais, problemas de juventude migrações e dificuldades escolares seriam dúvidas resolvidas a tempo. A escola, ao perceber quaisquer dificuldades com seu aluno, também poderia chamar os respectivos pais e implantar a “educação a seis mãos”. Juntos, os pais e a escola podem combinar os critérios educativos levando em conta as duas mãos, a do coração(afeto e sentimento) e a da cabeça (razão, pensamento), dos três personagens mais importantes da educação da criança mãe, pai e escola.

Tiba (2002), completa ainda se percebia entre família e escola for formada desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los. Quando a escola, o pai e a mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos e não quer jogar a escola contra os pais e vice-versa. Quando há conflito, os adolescentes tendem a tirar vantagens pessoais e as crianças a acompanhar que mais lhe agrada. Assim quando os pais não concordam com

a escola é com ela que devem resolver as discordâncias. Disse modo a criança não se apoiara nos pais para se insurgir contra a escola. Quando o filho se queixa de alguém professor ou de alguma “injustiça” praticada pela escola, antes de acreditar principalmente no que ele diz é melhor que os pais tomem conhecimento de outras informações sobre o mesmo fato.

3 - INDISCIPLINA NO MEIO EDUCACIONAL

De acordo com Rêgo (apud, Aquino, 1996) costuma-se compreender a indisciplina, manifesta por indivíduo ou um grupo, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades. Como uma espécie de incapacidade dos alunos (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados. A autora afirma que a visão disciplinar na perspectiva de submissão é muito comum nas escolas onde a mesma requer dos alunos um comportamento de passividade, docilidade e silêncio. Diz ainda que outra tendência se faz presente no campo educacional é a de associar a disciplina a tirania onde qualquer tentativa de parâmetros de diretrizes é vista como prática autoritária. Nessa perspectiva, a questão da indisciplina de um lado é vista como práticas despóticas e, de outro, estímulo de tirania, ou seja, o projeto pedagógico fica submetido à vontade da criança. Para ela a vida em sociedade pressupõe a criação é o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros desse grupo. A escola, por sua vez, também precisa regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de ser vistas como castradoras e passam a serem compreendidas como condição necessária ao convívio social.

Rego ao considerar Vygotsk afirma que no plano educativo, um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta, se inquieta na sala, mas sim como aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e os sentidos alheios. A autora considera que um outro aspecto capaz de influenciar significativamente o processo educativo na instituição escolar são os diferentes elementos da comunidade escolar (professores, técnicos, pais e alunos). Diz que é comum ver a indisciplina na sala de aula como reflexo da pobreza e da violência presente de um modo geral na sociedade e fomentada, de modo particular, nos meios de comunicação, especialmente na TV. Afirma

também que muitos atribuem a culpa pelo comportamento indisciplinado do aluno à educação recebida na família, outros parecem compreender que a manifestação de maior ou menor indisciplina no cotidiano escolar está relacionada aos traços da personalidade de cada aluno. Estes traços, portanto, para este tipo de afirmação, não poderão ser modificados, pois já estão definidos desde o nascimento e fazem parte da natureza de cada indivíduo. Conseqüentemente, a experiência escolar não tem nenhum poder de influência e interferência no comportamento individual.

Portanto, para Rego (apud, Aquino, 1996) pode-se concluir que as concepções do desenvolvimento humano predominante no meio educacional trazem sérias conseqüências à prática pedagógica, pois, reforçam a idéia de um determinismo prévio (por razões inatas ou adquiridas) que acarretam uma espécie de perplexidade e imobilismo do sistema educacional. A escola se vê, assim desvalorizada e isenta de cumprir seu papel de possibilitadora e desafiadora (ainda que não exclusiva) do processo de constituição do sujeito, do ponto de vista de seu comportamento de um modo geral e da construção de conhecimentos. Todavia, entende-se que estas posições devem ser revistas. Porquanto, as explicações, mitos e crenças sobre o fenômeno da indisciplina na sala de aula difundidos no meio educacional, acarretam preocupantes implicações à prática pedagógica. Além disso, se embasam em pressupostos preconceituosos, superados e equivocados sobre as bases psicológicas do desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, sobre as dimensões biológicas e culturais envolvidas na formação de cada pessoa. Conforme afirma Quijano (1986) "as idéias são prisões duradouras, mas não precisamos permanecer nelas para sempre".

4 - INDISCIPLINA COMO FENÔMENO SOCIAL

Aquino (1996) considera que a prática escolar é a principal protagonista para transformações históricas. Nesse sentido, conforme ele, a escola não só acompanha a complexidade sócio-cultural da sua época como também é capaz de promover mudanças. O autor afirma que a escola outrora possuía um caráter elitista e conservador, destinava prioritariamente às classes sociais privilegiadas, residindo assim dificuldades no acesso escolar, contendo, atualmente o problema da exclusão contínua, não mais no acesso a escola, mas, no fracasso escolar. Salvo raras exceções os parâmetros que regem a

escolarização ainda são regidos por sujeitos abstratos, idealizados e desenraizados dos condicionantes sócio-históricos.

Nessa perspectiva, Aquino(1996) considera que a indisciplina atual pode estar indicando o impacto do ingresso de um outro sujeito histórico, com outras demandas e valores num contexto escolar arcaico e despreparado para esse sujeito. Nesse sentido, conforme ele, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social, concretamente personificadas nas transformações do perfil de sua clientela. Indisciplina, seria então conforme o autor sintoma de injunção da escola idealizada e gerida por um determinado tipo de sujeito sendo ocupada por outro. Nesse sentido, este autor considera que do ponto de vista sócio-histórico, a indisciplina passaria, então, a ser força legítima da resistência e produção de novos significados e funções, ainda insuspeitos à instituição escolar.

De acordo com La Taille (apud Aquino, 1996, p.9-10) o problema maior é a falta de limites. Parece ser de uma crise moral que se manifesta pelo excessivo individualismo e pela violência que se alimenta da pouca importância que se dá ao outro considerando muitas vezes apenas como um degrau para obter algum prazer.

Segundo Pereira (2001), o problema da indisciplina é complexo e diz respeito à história de vida (pessoal, familiar e social) de todos os protagonistas, diz respeito também a fatores exteriores e interiores da escola, mas que ultrapassam sempre os muros da sala de aula.

5 - INDISCIPLINA COMO FENÔMENO ESCOLAR

Danjonquiére (apud Aquino, 1996, p.25) afirma que provavelmente no futuro, as últimas décadas deste século fiquem gravadas na memória pedagógica como a época dos problemas de aprendizagem. Parece ser consenso o conhecimento sobre a insuficiência do método de ensino utilizado, bem como o estado imaturo das capacidades psicológicas das crianças, alteram-se em ocupar o banco dos réus. Entretanto, é possível concluir que o mal da educação, atual não seria apenas um ou dois, pois haveria de se acrescentar a chamada indisciplina escolar.

Veiga (1995) menciona que concluir que o comportamento indisciplinar nas escolas tem vindo a ocorrer a largos passos. O cansaço emocional relacionado a

indisciplina é o ponto mais influente no fracasso dos professores, sobretudo os mais jovens, durante os primeiros 10 anos de atividade. Diz que para constatar este fato foi realizado um estudo nos Estados Unidos da América, onde ficou constatado que a indisciplina é o principal problema nas escolas, em Grã Bretanha, tem sido considerado como principal causa do stress dos professores tanto no meio urbano como rural. Este afirma que no Brasil a indisciplina, bem como a violência, tem sido motivo principal de constantes preocupações de professores e pais.

Conforme Aquino (1996) embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância não é tão nítida, pois, o pouco número de obras dedicadas explicitamente á problemática vem confirmar este dado. Para este autor outro dado significativo refere-se ao fato de que a indisciplina atravessa indistintamente as escolas públicas e privadas. Diz que não se trata, pois, de uma espécie de desprivilegio das escolas públicas muito pelo contrário. A indisciplina seria talvez o inimigo número um do educador atual. As correntes teóricas não conseguem propor de imediato, uma solução, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas. Da mesma forma que não é possível supor a escola como uma instituição independente ou autônoma em relação ao contexto sócio histórico, não é lícito supor que o que ocorre em seu interior não tenha articulação aos movimentos exteriores a ela. O autor considera ainda que não é possível assumir que a indisciplina se refira exclusivamente ao aluno, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível acredita-la totalmente a estruturação escolar e suas circunstâncias sócio-históricas. Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando-a um problema de cunho essencialmente didático pedagógico. Para ele indisciplina configura um fenômeno transversal a estas unidades conceituais (professor/ aluno/ escola) quando tornados isoladamente como recortes do pensamento.

Segundo Tiba (1998), atualmente os adolescentes não têm o mínimo respeito pelo professor. Interrompem as aulas a todo instante. Mesmo com as atitudes que o professor toma, os alunos se levantam a todo instante, passeiam de carteira em carteira, vão ás lixeiras, entram e saem sem pedir licença, muito obrigado, é delicadeza que não existe. Para o autor indisciplina tem origem familiar, pois, no geral também não se têm

respeito pelo professor. Não se incentiva a gratidão ao profissional porque já são pagos para isto. Outro fator a que se refere deve se ao fato de que os filhos têm tudo que é possível sem o menor esforço e tem essa atitude dos pais como obrigação. Infelizmente, os pais, já não transmitem aos filhos noção de ética que por sua vez acreditam que podem fazer tudo, não exigem respeito e não os ensinam a respeitar. O autor afirma que a falta de indisciplina é mais transparente na escola, onde existem regras para um bom comportamento, execução de tarefas, mínimo de respeito ao professor. E isso acontece em sala de aula, pois, é aí que os alunos estão sempre próximos. Para ele com a evolução do mundo, estamos em uma geração que, é proibido proibir e com isso apareceram as dificuldades para estabelecer regras e com isso as crianças ficam mais a vontade para fazerem tudo o que quiserem. Tanto quanto na família como na escola os problemas se tornaram o mesmo. E assim todos os professores se perguntam o que fazer, como proceder. Para o autor a falta de educação acontece na escola porque os alunos deparam com regras, responsabilidades, problemas relacional e com professores que por muito tempo foram permissivos, criando dessa forma uma situação incontrolável levando o próprio professor ao autoritarismo. O autor ainda relata a falta de regras na escola que favorecem o abuso dos alunos em proveito próprio, que acabam prejudicando o professor. Este relata um exemplo sobre falta de regras estabelecidas, citando a entrada atrasada dos alunos na classe. Diz que se a escola determina em regimento a tolerância de no máximo cinco minutos para entrada não há necessidade do professor estabelecer seu limite. Fala ainda, que o aluno não pode fazer das exceções uma regra, pois tem alunos que estão sempre dispostos a quebrar regras, chegando atrasados todos os dias na escola no limite tolerável. Assim este autor, sugere que todos os alunos participem de reuniões com diretores e coordenadores para criar modelos para cada tipo de transgressão que os alunos praticam, sendo assim, avaliadas as transgressões que mais cometem, protegendo, portanto os pensamentos e atitudes do professor. Para chegar a esse avertal, todos os professores devem participar de sua confecção, pois se um aluno atinge um professor com um objeto, também estará atingindo a instituição a qual pertence. E se todos os professores vestirem o uniforme escolar as normas escolares serão respeitadas contribuindo para que o corpo docente se proteja da falta de educação dos alunos. Quanto a questão do atraso, uma vez estabelecida a regra de entrada, uma das sugestões seria

encaminhar esse aluno para uma sala de estudo ou uma biblioteca favorecendo um ambiente de estudo e jamais deixar esse aluno solto brincando no pátio ou sentado na direção sem nenhum objetivo.

Ainda segundo Tiba (1998), a indisciplina não só é ocasionada pela falta de interesse do aluno, pela conversas paralelas e tumultos, deixando assim a aula desinteressante. Mas, deve se levar em conta o fator psicológico do aluno, bem como a atitude correta do professor e demais segmentos da escola. O autor comenta a respeito de uma pesquisa da data folha, publicada: no jornal folha de São Paulo de 29 de março de 1998, onde nesta publicação chegou-se ao resultado de que 20% dos estudantes de escola públicas sofrem de depressão. Para os professores estes estudantes são apontados como: indisciplinados, preguiçosos ou apáticos. A punição dos alunos agrava ainda mais a sensação de desamparo. Assim o autor considera que esta situação deve ser analisada e não tirar apressadas conclusões, pois, segundo o mesmo a adolescência não é apática. Este tipo de comportamento é contraditório nesta fase do desenvolvimento. Afirma que o desinteresse na escola é devido ao fato desta não despertar sua curiosidade. O aluno se entusiasma quando gosta de alguma coisa. Compromete-se em sala de aula, nesse sentido, segundo o autor, faz-se necessária maior motivação por parte do corpo docente para quebrar este estado de “tanto faz” e procurar o auxílio de especialistas como, psicólogos, psicopedagogos entre outros, bem como a necessidade de que a família se reorienta. Este diz acreditar que talvez na escola do futuro os conhecimentos não venham somente do professor, mas de inúmeras fontes. O aluno poderá se responsabilizar pelo próprio saber. O professor fará o papel de coadjuvante nesse processo.

Vasconcelos (1997), fala a respeito das grandes queixas dos professores em relação à indisciplina em sala de aula. Relata o fato dos principais problemas apresentados tais como a falta de interesse demonstrado cada dia mais pelos alunos, pois estes têm se apresentado cada vez mais dispersos e não respeitam mais o professor. Além, disso, os professores afirmam que a tecnologia avançou e infelizmente a escola não acompanhou, ficou desinteressante para eles. Outro fator que é bastante evidenciado diz respeito à família que não tem colaborado, os alunos vêm sem limites de casa e o professor nunca tem razão. Aborda também a questão do consumismo que esta ligada à falta de limites. Pois o número de propagandas dirigidas às crianças funciona como apelo por sua vez, a

criança tem influência muito grande no consumo da família, sendo necessário, portanto, a quebra de limites. Quanto a questão da complexidade do tema o autor sugere ajuda de outras áreas como sociologia, antropologia, psicanálise, ética, política e outros, além dos conhecimentos pedagógicos. Pois, para o autor a disciplina é vista apenas do ponto de vista educativo e deixa ainda uma pergunta "Que outra atividade humana apresenta tal nível de complexidade".

Segundo Amado (1998), a questão da indisciplina é um problema que muito contribui para uma crescente imagem negativa da escola, afligindo pais e professores dos diversos graus de ensino. Trata-se, de fato, de um fenômeno complexo. Não só se manifesta dos mais diversos modos e graus de intensidade, como tem por detrás múltiplos fatores de ordem social, familiar, pessoal e escolar. Fatores que devem ser levados em conta em qualquer análise e em qualquer discurso sobre o tema é o reconhecimento dessa complexidade que faz a diferença entre o discurso do senso comum e o discurso do técnico e do investigador. O autor considera a indisciplina na escola e na sala de aula como "um fenômeno relacional e interativo. Este fenômeno que se concretiza no não cumprimento das tarefas na aula e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o convívio entre pares e a relação com o professor enquanto pessoa e autoridade. O mesmo acrescenta, que por ser um fenômeno relacional e interacional, é necessário compreender que, para lá do "incumprimento das regras" e do desrespeito de normas e valores, estes problemas estão intimamente relacionados a: desvio as regras da produção que está ligado a "perturbação" que causam ao bom funcionamento da aula; conflitos interpares que abrange as dificuldades de relacionamentos da aula; conflitos da relação professor – aluno, põe em causa a autoridade e o estatuto do professor, abrangendo também a violência e o vandalismo, contra o professor.

Estrela (1991), ao considerar a questão da disciplina na escola aborda a importância de um sistema de regras bem definido, pois esta se faz indispensável para se obterem os objetivos previstos, na medida em que permite ao estudante melhor saber o que se espera dele; acrescentando-se ainda que um pequeno conjunto de regras ajudam o aluno a se auto-controlar o seu próprio comportamento, verbalizando-as para si mesmo como propósitos e objetivos a alcançar.

Nessa perspectiva os autores Schmuck e schmuck (1992), consideram fundamental, que os alunos saibam, desde, os primeiros dias do ano letivo, como porta-se nas diferentes fazes da aula, nos corredores e noutras áreas da escola, devendo a sua atividade ser orientada. A necessidade de ter em conta que a turma não é a mera soma de indivíduos, mas tem uma dinâmica e uma personalidade própria que é necessário reconhecer e com a qual é fundamental saber trabalhar.

6 - VIOLÊNCIA

Segundo Guimarães apud Aquino (1996) a violência se caracteriza por qualquer ato violento, que no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral.

Para Waiselfisz (2003), conceituar violência não é tarefa tão simples pela sua amplitude, complexidade e ambigüidade. Este considera que o termo violência se apresenta como um significante cujos significados são historicamente e culturalmente construídos. Por outro lado tal conceito poderá se referir as situações marcadamente diversificadas, cada uma respondendo a determinações legais, modos de produções explicações e efeitos diferentes. O autor associa o termo violência ao emprego desejado de agressividade com fins destrutivos, ou seja, desejo de destruição.

Waiselfisz ressalta o conceito de Michaud que afirma haver violência numa situação de interação onde um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa. Causa danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas culturais.

Definir violência para Osório (apud waiselfisz 2003) significa denominar uma série de atos intencionais que se caracterizam pelo uso da força em situações de conflito, transgressões das leis (que visem o bem comum), o predomínio da crueldade sobre a solidariedade no convívio humano.

Fachini (1992), citado por Araújo (2002), conceitua violência como uma resposta que o sujeito dá no momento que é tolhido no seu "Eu", na busca de seus objetivos dos seus impulsos, no sentido de suprir suas necessidades. Assim a privação das necessidades básicas poderia ser a causa que levaria uma pessoa a se tornar violenta. Esta resposta, proporcionada por uma frustração, é ardorosa e violenta, isto é, agressiva, impetuosa e se constitui num ato de violência. Ela não surge do nada, mas de motivos frustrantes, de abandonos primitivos de perdas irreparáveis, de sonhos desfeito, de

fantasias persecutórias. Mais que um conceito ela é uma expressão patológica do impulso agressivo desproporcionado. É uma forma descontrolada da agressividade contra o indivíduo, sociedade ou não.

De acordo com Araújo (2002), a violência está presente nas escolas e tem sido problemas sérios enfrentados pela Educação, o que de certa forma, reflete em outros espaços sociais nos quais a população é testemunha, vítima e co-responsável. Os atos de violência podem estar relacionados à baixa qualidade de vida em termos de infraestrutura, brigas e agressões entre os alunos e adultos. Cada vez mais a violência passa a ser denunciada como fenômeno interno à escola, assim professores se queixam da degradação do ambiente de trabalho por agressores que estão dentro da sala de aula.

Para Abramavay (2002), a violência física é a fase mais visível dos fenômenos nas escolas. O confronto corporal ou armado mobiliza parte considerável das discussões, aparecendo como referência para que os informantes discurssem sobre o tema e o ampliem para incluir outros tipos de violência. Em certas situações, a violência física aparece como forma de defesa pessoal ou como atitude para proteger o outro, mais fraco, ou como fator de revolta contra o sujeito mais forte. Já em outras situações é atitude impensada diante de uma provocação. Independente da justificativa, a violência é uma forma de negociação que exclui o diálogo, ainda que motivada por outras circunstâncias, como a defesa dos amigos.

7 - VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Guimarães (1993) (apud Aquino, 1996), afirma que instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora de experiências de opressão e violência, de conflitos advinda do plano-macroestrutural. Considera que é importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina. A autora analisa a violência no contexto escolar como movimento ambíguo: de um lado ações que visam o cumprimento das leis e normas determinadas pelos órgãos centrais, de outro, pela dinâmica dos grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem trocas de idéias, palavras e sentimentos numa fusão provisória e conflituosa. Para ela, não é o objetivo defender a escola sem regras, mas apontar a existência de uma lógica interna aos fatos que ofereçam pistas para se encontrar alternativas pedagógicas de negociação com conflitos. A escola, como

qualquer instituição está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. A homogeneização é exercida através dos mecanismos disciplinares não só dos alunos, mas professores e direção. Conforme a autora a escola tem seu poder de dominação, não tolera as diferenças, ela também é recortada por forma de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever. A disciplina imposta, ao desconsiderar, por exemplo, o modo como são compartilhados os espaços, as relações afetivas entre os alunos, gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal.

Benevente (1994), argumenta que ensinar é mais que transmitir conteúdos, ou seja, é poder gerir relações com o saber, à aprendizagem implica uma tensão, uma violência para aprender. A escola é o lugar onde se tece com complexa relação; mas, à medida que o professor não consegue perceber essa teia ele encontra conflitos... Quando o professor experimenta a ambigüidade do seu lugar, ele consegue juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel. Isso não significa que a paz reinará na escola, mas que os alunos e professores, por forças das circunstâncias serão obrigados a se ajustar e formular regras comuns.

De acordo com Waiselfisz (2003), a violência se classifica em duas categorias que dizem respeito aos fatores externos e internos do sistema escolar. Ele considera fatores externos as causas sócio-econômicas, que podem gerar a crise da exclusão social. Estes fenômenos são sentidos mais intensamente nas classes baixas que estudam na escola pública. A própria violência da sociedade, o rápido crescimento do tempo livre e a falta de perspectivas de futuro para a maioria dos jovens são considerados agravantes de violência, que acontece porque os jovens se sentem excluídos socialmente. O autor ressalta, entre outros fatores, que a justificativa para violência poderia ser encontrada na existência de traficantes nas redondezas da escola contribuindo para o aumento de alunos drogados e tráficos de drogas nos estabelecimentos de ensino, bem como a desestrutura familiar e a influência da mídia que mostra filmes violentos. Este também considera que os fatores internos estariam atrelados ao surgimento e /ou disseminação da violência na escola, podendo assim afirmar que a violência na escola estaria vinculada, por exemplo, a certas deficiências nas relações profissionais da educação/ alunos / comunidade. Fala a respeito de alguns professores que têm dificuldades em lidar com alunos de camadas sociais diferentes freqüentemente não sabem ou não se preocupam em transmitir ao

aluno o sentido e utilidade daquilo que se ensinam. Trata desrespeitosamente o aluno no descaso com relação à preparação das aulas. Há distanciamento entre os conteúdos curriculares e a vida cotidiana. A escola parou no tempo, não incorporando conteúdo e tecnologia, os alunos reivindicam aulas mais dinâmicas. O mesmo declara que a violência nas escolas é também considerada como expressão de rechaço às modalidades de agressão vividas pelos jovens no processo pedagógico, advindas de medidas disciplinares e castigos praticados por professores. Este considera o julgamento escolar como elemento potencializador da violência. Acredita que a escola, ao instituir um sistema de notas e avaliações, muitas vezes utilizado como forma de coesão sobre os alunos, pode estar contribuindo para a produção e reprodução de atos violentos. O "fracasso" nas avaliações alimenta sentimentos de injustiça e práticas de auto-afirmação muitas vezes ancorada em forma de resistência violenta e frontal. Além disso, o mesmo faz citações de atos violentos considerando fatores como espaço escolar, ou seja, dificuldades gerais da escola como descuido com o prédio escolar, instalações precárias, problemas de superlotação em sala de aula bem como um corpo docente mal informado e preparado.

Veiga (2001), faz citações de possíveis causas de comportamento violento considerando a aprendizagem com heróis violentos (destacados pela mídia), a familiaridade com as armas, o sofrimento provocado pelo desejo de vingança de um mundo interiorizado como mau e agressivo. O autor enfatiza que no Brasil, a passagem nas últimas décadas de escola de elites (acessível apenas a alguns) para a escola de massas (onde todos podem estar) tem sido uma das problemáticas enfrentadas no contexto escolar atual. Considera-se que alunos violentos, quando comparados com os que não são, frequentemente, os pais apresentam baixa escolaridade e não valorizam a escola como meio de realização. Com isto permitem seus filhos passarem maior parte de seu tempo na rua, não os incentivando a frequência escolar, nem no cumprimento das regras escolares e sociais. Nesse sentido, o autor considera que, muito desses alunos, quando vão a escola tem dificuldades de senti-la como fonte de apoio.

Segundo Pereira (1997), a violência na escola é um problema que afeta de forma séria as crianças, os professores ou responsáveis pela educação. Este fenômeno por longo tempo tem sido alvo de atenção dos meios de comunicação social, dando assim maior

visibilidade ao problema, umas vezes informando ou apenas chamando à atenção para episódios isolados sem procurar enquadramento e compreensão. Para muitos professores, o termo violência parece ser inadequado para descrever o que se passa nas suas escolas, por ter uma conotação negativa muito forte. Assim a autora afirma que 90% dos professores pensam que alguma coisa deve ser feita para prevenir a violência e estas práticas não podem ser aceitas na escola. Para esta, o professor desempenha um papel relevante na dinâmica de uma escola, contudo, esse trabalho é pouco valorizado, mas considera necessário para transformar esse contexto.

Sampaio (1997), ao falar sobre causas da violência na escola evidencia o fato de que uma relação professor- aluno desvirtuada pelo abuso de poder por parte do professor, que de forma sistematizada "goza" o aluno e ridiculariza- o aos olhos dos colegas atingindo a sua auto-estima poderá vir a ser objeto de práticas retaliação por parte de um ou vários alunos em determinadas circunstâncias. A autora faz menção acerca das atitudes tomadas por alguns professores: defensivas, de rejeição, passividade ou alguma ingenuidade traduzida num excesso de companheirismo que quase sempre parecem estar associados a alguns comportamentos de indisciplina.

8 - VIOLÊNCIA COMO FENÔMENO SOCIAL

Segundo Maffesoli (1984), esse final de século apresenta duas tendências que marcaram a forma de se compreender o nosso tempo. Uma das tendências representa o lado iluminado que explica a existência dos homens a partir de um conjunto de leis econômicas, políticas, educacionais. A outra tendência, denominado o lado da sombra, onde se acentua a importância das múltiplas e minúsculas situações do cotidiano na qual se predomina a fragmentação e a pluralidade do corpo social. Para ele os dois enfoques tem sua importância o primeiro refere-se a existência de uma realidade político-econômica cujas leis podem explicar, por exemplo, a corrupção do poder, a extrema miséria em que se encontram grandes grupos populacionais, a falência das instituições , entre outros. No entanto, o segundo enfoque refere-se a pequenos grupos, como a sociedade vive e se organiza bem como as experiências dos diferentes grupos. Estes grupos se entrecruzam e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada, polarizada, diversificada, condicionando múltiplas atitudes, muitas vezes irracionais, desordeiras e violentas.

Aquino (1996) analisa a natureza da violência a partir do contexto histórico social, aponta como um fenômeno que coloca à mostra a intensidade das experiências coletivas e que permitem a manifestação das pequenas desordens da vida cotidiana. O autor considera que ao analisar a natureza da violência, explicitando sua dinâmica e conhecendo os elementos ambíguos que a compõem. Não significa abstraí-la de um contexto histórico e social, mas, apontá-la como um fenômeno que coloca a mostra a intensidade das experiências coletivas, permitindo a manifestação das pequenas desordens da vida cotidiana.

Para Pereira (2002), os níveis de violência física e psicológica, constituem fatores de risco que ameaçam gravemente o desenvolvimento psicológico e o bem estar das crianças e jovens .É preciso educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um terminam onde os direitos do outro começam.

III – REFERENCIAL METODOLÓGICO

A literatura sobre pesquisa em educação tem apontado como propícia à averiguação no processo educacional, a abordagem qualitativa. Alguns autores, entre eles, Lüdke e André (1986), consideram que os procedimentos qualitativos permitem o contato direto do pesquisador com o ambiente e com os fatos que estão sendo investigados. Permite também o aprofundamento do tema em um ambiente naturalístico, sem a manipulação intencional do pesquisador. As questões enfocadas neste estudo, indisciplina no contexto escolar, o estudo sobre a prática pedagógica com alunos indisciplinados e o respaldo que estas crianças obtêm do professor e do sistema educacional, para a sua efetiva aprendizagem, são fenômenos que devem ser estudados no contexto em que aparecem.

De acordo com Lüdke e André (1986) a pesquisa qualitativa é propícia para retratar a complexidade do cotidiano escolar. Como na pesquisa qualitativa os dados coletados são descritivos, o material obtido permite estabelecer o maior número possível de elementos presentes na relação professor aluno indisciplinado.

A observação é um dos instrumentos mais fidedignos para avaliar a situação de uma sala de aula. Vai permitir o aprofundamento do tema ao ser estudado.

1- SUJEITOS

Foram selecionados 4 sujeitos em uma 4ª Série da Escola Classe 05, ensino fundamental da Rede Pública de Sobradinho, Distrito Federal, considerada como uma classe indisciplinada.

2 –PROCEDIMENTOS

A coleta de dados foi realizada através de quatro seções de observações do comportamento dos sujeitos em sala de aula. Foi realizada análise do comportamento observado, extraindo categorias.

IV RESULTADOS

A análise das observações permitiu extrair 28 categorias de comportamento indisciplinado, apresentadas na tabela 1

TABELA 1

CATEGORIAS DE COMPORTAMENTOS INDISCIPLINADOS	
1	Agressão Física aos colegas
2	Agressão Verbal, ridicularizando os colegas- apelidos pejorativos
3	Agride verbalmente a professora
4	Andar provocante na sala de aula, falando através de gírias
5	Ao sentar-se, vira-se para o lado contrário ao professor
6	Arranca páginas do caderno
7	Brincadeira intermitente com jogos eletrônicos
8	Canta música fora do contexto da atividade
9	Comentários sobre causar danos na sala de aula
10	Conversa consigo mesmo
11	Conversa intermitente
12	Desenha no seu caderno, fora do contexto da atividade
13	Desobedece a professora
14	Desvia a atenção dos colegas
15	Gestos obscenos
16	Gritos, risos e gargalhadas fora de propósito
17	Manuseia objetos escolares fora do contexto da atividade proposta
18	Não Presta atenção na atividade
19	Não traz material escolar adequado à disciplina
20	Perambulação pela sala
21	Riscar móveis na sala
22	Preferência por sentar-se em último lugar
23	Reclama da atividade proposta pela disciplina
24	Saídas constantes da sala
25	Sobe na carteira
26	Vai até a lixeira
27	Joga bolas de papel nos colegas
28	Imitar colegas e professores

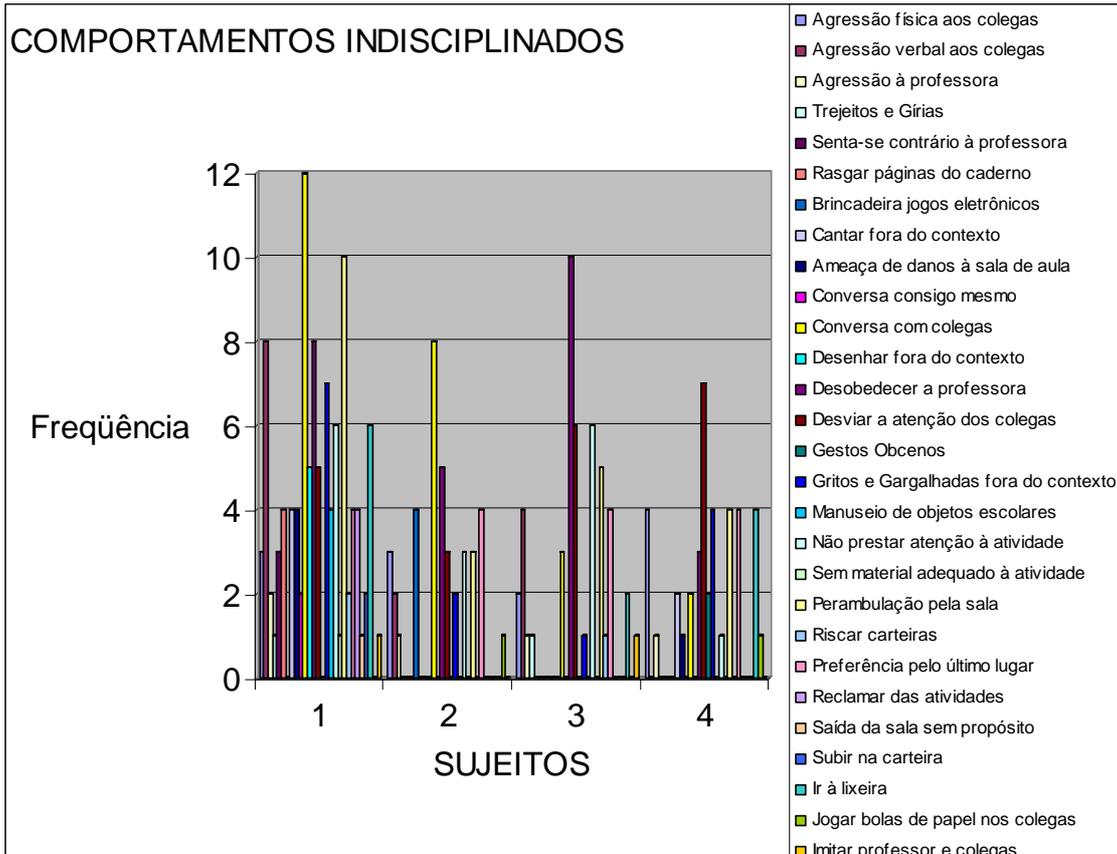


FIGURA 1

TABELA DE CATEGORIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS INDISCIPLINADOS OBSERVADOS EM SALA DE AULA- Sujeitos A e B

SUJ	OBS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
A	1ª											*			*				*		*		*						
	2ª	*	** * *	*	*	*	*		*	*	*	*	*	*	*		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	3ª		** *			*	*		*	*	*	*	*	*	*		*	*			*	*	*	*		*	*		
	4ª	*	*			*						*	*	*	*		*				*	*	*	*			*		
B	1ª			*				*	*			*		*	*						*		*						
	2ª	*	*									*			*		*		*		*	*	*						
	3ª	*										*	*	*	*				*	*			*						
	4ª	*	*					*	*			*	*	*	*		*						*					*	

TABELA DE CATEGORIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS INDISCIPLINADOS OBSERVADOS EM SALA DE AULA- Sujeitos C e D

SUJ	OBS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
C	1ª	*	*		*							*		*	*				*		*	*							
	2ª	*	*	*								*		*	*		*		*		*	*	*				*		*
	3ª		*											*	*				*		*		*				*		
	4ª													*									*						
D	1ª	*		*					*					*	*		*		*		*		*				*		
	2ª									*		*			*		*						*						
	3ª	*							*						*	*	*						*						
	4ª													*	*	*					*	*	*				*	*	*

V – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Através de observação sistemática em sala de aula foi permitido analisar o comportamento de 4 sujeitos denominados A, B, C, e D.

Os comportamentos observados foram agrupados em 28 categorias distintas, que estão dispostas na tabela 1.

Na figura 1 através de um gráfico demonstrativo, tem-se a oportunidade de observar que o sujeito A é o que apresenta mais comportamento indisciplinado. O comportamento que os sujeitos apresentam significativamente mais representado é o que está descrito como conversa intermitente. Outro comportamento descrito significativamente freqüente é o da desobediência à professora. Este comportamento é descrito por vários autores (Tiba, 1999; Amado, 1998; Aquino, 1996) como característico de indisciplina, por quanto disciplina conforme vários autores (Ribolet, 1961; Argento,

2002; Guimarães apud Aquino, 1996) é a obediência às regras e normas. O perambular pela sala foi um comportamento também descrito significativamente. Este é um comportamento que a partir do estudo pode ser considerado comum na prática indisciplinar dos alunos. Da mesma forma foi significativo o comportamento descrito como desviar a atenção dos colegas interferindo no processo ensino-aprendizagem Tiba, (1996), Rego apud Aquino, (1996) refém esta atitude como indisciplina que causa distúrbio de aprendizagem. O comportamento descrito como não prestar atenção nas atividades foi bastante evidente, nos sujeitos observados. Vários autores descrevem tal desinteresse como principais causas do fracasso escolar, (Vasconcelos, 1997, Tiba, 1998). Outro comportamento indisciplinado que aparecem em todos os sujeitos observados são os gritos, risos e gargalhadas sem propósitos. As idas constantes a lixeiras atitudes significativamente de acordo com a tabela 2. Este dado observado corrobora com estudos sobre indisciplina segundo Tiba (1998). Outro dado significativo é que todos os alunos observados que apresentam comportamento indisciplinar tem preferência por sentar-se em último lugar. A agressão física que é mencionada pelos autores como (Amado, 1998; Guimarães apud Aquino 1996) comportamento subjacente à indisciplina escolar, nos dados deste estudo não mostrou-se significativa. É relevante evidenciar que caracterizado como agressão física foram vários comportamentos dirigidos aos colegas. Estes comportamentos consistiram durante a observação: empurrar colegas, colocar o pé para que o outro que está passando caia, bater na cabeça dos colegas ao perambular pela sala, puxar o cabelo das meninas, fazer caretas pejorativas. A agressão verbal, ridicularizando os colegas ou com apelidos pejorativos tal qual diz Pereira (2002), que considera a violência em 2 níveis física e psicológica, pois para ele ambas constituem fatores de risco. Foi observado que a agressão verbal a professora foi evidente em todos os sujeitos. Esse comportamento indisciplinar já não se faz raro no contexto escolar e tem sido motivo de angústia entre o corpo docente de acordo com Charlot, (1994). Um dos comportamentos indisciplinados observados foi o andar provocante na sala de aula, falando através de gírias. Este é uma atitude considerada por Maffesoli, (1994) Pereira, (2001) como o problema de indisciplina. Estes autores consideram esse problema complexo e que diz respeito a história de vida do sujeito, bem como suas experiências pessoais. Outro comportamento indisciplinado refere-se, ao virar-se para o lado contrário ao professor, demonstrando indiferença e desrespeito ao professor.

Tiba, (1998) em seus estudos faz referências a este comportamento como indisciplina. A brincadeira intermitente com jogos eletrônicos, outra atitude observada segundo Wailelfisz (2003) é indisciplina. Este autor acrescenta que o motivo passa a ser o fato da escola ter parado no tempo, não incorporando conteúdo e tecnologia. Foi evidenciado como comportamento indisciplinar e ato violento, comentários sobre causar danos na sala de aula e riscar móveis na sala. Alguns autores Wailelfisz, (2003; Araújo, 2000), refere-se como indisciplinar. O comportamento descrito “arrancar páginas do caderno” e desenhar no caderno fora do contexto da atividade diz respeito a atitude indisciplinar devido a falta de motivação e desinteresse do aluno de acordo com Tiba, (1998) e Vasconcelos, (1997). Outro comportamento indisciplinar observado foi imitar colegas e professores que é tido por alguns autores como ato violento (Osório, apud Wailelfisz, 2003; Amado, 1998). A saída constante da sala tido para alguns autores como comportamento indisciplinado que deve ser orientado por meio das regras desde o início do letivo (Schmuck e Schmuck, 1992; Lizine, 1994).

As observações realizadas permitiram obter dados sobre a indisciplina na sala de aula, através de comportamentos que são mencionados na literatura como indisciplinados, conforme descrita acima. Dessa forma o objetivo desse estudo foi alcançado, possibilitando aos pesquisadores, inclusive pensar em sugestões para a prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental que favoreçam atitudes disciplinares no contexto escolar.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer a temática indisciplina e violência em sala de aula evidenciou-se que este fenômeno emerge de inúmeras situações que vão da história de vida e individual, mas, que também se aplica ao âmbito social.

É notório que a sociedade têm vindo a sofrer significativas transformações, onde a família tida como essencialmente a base da educação, tem ao longo do tempo delegado seu papel para a escola. Esta por sua vez não substitui o papel inerente à família. Faz-se necessário que pais e escola estejam aliados no comprometimento da formação global da criança. Nesse sentido, segundo o relatório da UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI afirma que a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer ocupação e assegura, por isso, a ligação entre afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão de valores e normas. Por outro lado a escola não deve desvincular-se desse propósito percebendo-se como (mediadora) de conhecimentos que vão além dos conteúdos programáticos, mas, que atenda as necessidades dos alunos.

A escola não pode ignorar que os conflitos sociais existem, portanto, deve adaptar-se de forma a atender suas necessidades. Sendo assim, faz-se necessário que a escola estabeleça objetivos claros que atendam de forma precisa o problema da indisciplina e violência no contexto escolar.

É imprescindível a construção de um contrato didático onde o aluno seja praticamente ativo elaborando regras de boa convivência relacional, bem como no descumprimento delas aplicar tipos de correções não as que tenham forma de coesão, mas,

que tenham convivência, com a inserção do aluno na escola como: trabalho na biblioteca, organização de fichário, ajuda na organização do recreio, entre outros. Outro aspecto imprescindível é o resgate dos valores onde a criança aprende a amar ao próximo, respeito, solidariedade entre tantos outros que parecem esquecidos na sociedade atual.

É fundamental que haja projetos que visam à interação relacional nas quais os alunos, professores e demais segmentos possam estar interligados num só objetivo. A escola deve falar a mesma linguagem convergente a um só propósito o combate a indisciplina e violência na escola.

Nesse sentido, tem que haver mais conscientização por parte do corpo docente no que se refere á seu papel como formador integral da criança. Da mesma forma os governantes devem admitir maior liberação de verba a educação para que haja melhor distribuição no que diz respeito à infra-estrutura como quadra desportivas, laboratórios de informática, auditórios para uso de teatro, entre tantos outros subsídios que podem auxiliar na melhora do processo ensino aprendizagem.

VII - REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

1. ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.
2. AMADO, João. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Portugal, 1998.
3. ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho Aluno Difícil: A questão da indisciplina em sala de aula**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
4. ANTÚNEZ, Serafim. **Disciplina e convivência na Instituição Escolar**. Porto Alegre Artmed, 2002.
5. AQUINO Julio Groppa. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Summus, 1996.
6. AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
7. ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola, suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
8. AZEVEDO, Arrieta Gricelda. GROLLI, Dorilda, POLENS, Tâmara. **A violência na Escola: A violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola**. 1º edição Canoas: Ulbra, 2000.
9. CANDAU, Vera M. Direitos Humanos, violência e cotidiano escolar. 1996. Acesso em 15/06/2005. Disponível em www.dhnet.org.br/direitos/militante/veracandau_dhviolencia.html

10. CLOUD, Henry, TOWNSEND, Jonh. **Indisciplina na família**. São Paulo: Abec, Editora: Porto,1998.
11. FRELLER, Cintia Copit. Trabalhando com Pais sobre Indisciplina Escolar: Um Desafio para Psicólogo. <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2001T.PDF>
12. GRÜSPUN, Hain . **Autoridade dos Pais Educação da Liberdade**. São Paulo: Almed, 1985.
13. LA TAILLE, Yves. Para um estudo psicológico das virtudes morais. Educação Pesquisa. V. 26 n.2 São Paulo jul./dez. 2000.
14. LEZINE, Irene. **Problemas quotidianos de educação**. Portugal: Horizonte, 1964.
15. PEREIRA, Beatriz / PINTO, Adelina Paula – **A escola e a criança em risco intervir para prevenir**. 1 edição, Asa: 2001.
16. REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina Escolar: causas e sujeitos**. Petrópolis. Vozes,2002.
17. RIBOULET. D. **Disciplina Preventiva**. São Paulo. 2ª Edição.. Vozes, 2002.
18. SAMOLIN, Nancy, WHITNEY, Catherine . **M. Books do Brasil** Editora LTDA, 2003 – São Paulo.
19. SAMOLIN, Nancy, WHITNEY, Catherine. **Amar sem mimar**. São Paulo: M. Books do Brasil LTDA, 2003.
20. SINGER, Helena. Educação. Porto Alegre. 27 de janeiro de 2003. Disponível em <http://www.zmag.org/singered.htm>
21. TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo. Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno**. São Paulo: Ed. Gente, 1998.
22. TIBA, Içami. **Quem ama educa**. São Paulo: Ed. Gente, 2002.
23. VASCONCELLOS , C. dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola** Série Idéias número 28, São Paulo, FDE, 1997.
24. VEIGA, Feliciano Henrique. **Indisciplina e violência na Escola: Práticas comunicacionais**. Portugal: Almeida, 2001.
25. VEIGA, Feliciano Henriques. **Indisciplina e Violência na Escola**. Portugal: Ed. Almedina, 2001.
26. VINTON, Elizabeth C. **Como estabelecer limites**. São Paulo: M. Books do Brasil LTDA, 2004.
27. www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista/vol01/01/editorial.htm-11k 2001

ANEXOS

OBSERVAÇÃO

De modo geral os comportamentos observados na classe selecionada foram: inquietação; voz alta, gritos arrastar de cadeiras, perambular pela classe sem destino ou motivo, incomodar os colegas com atos agressivos leves, principalmente com as colegas do sexo feminino; colocando apelidos pejorativos.

Nesta seção de observação foram selecionados (quatro) alunos considerados os mais indisciplinados.

Sujeito 1 – 1 observação. Aula de Português.

- sentava-se na última carteira da 1 fileira, localizada perto da porta – perambulação pela sala.
- Conversa intermitente
- Sem prestar atenção na atividade.
- Atendeu a repreensão da professora e retornou ao seu lugar.

Sujeito 2

- sentava-se na última carteira
- brincadeira intermitente com jogo eletrônico
- chamava a atenção dos outros alunos para sua brincadeira
- não atendeu as repreensões da professora
- Disse que não se importava com a professora, continuando com seu jogo.

Sujeito 3

- não permanece sentado
- Vai até a janela (algumas vezes) insultando alunos no pátio.
- Escondia-se após os insultos
- Apresenta comportamento diferente ao andar, parece estar dançando
- Fala gíria
- Agribe colega "figurinhas" interrompendo a professora em sua atuação
- Sai da sala com pretexto de beber água
- Faz gesto obsceno para alunos de outra classe

Sujeito 4

- bebe água do filtro, que fica dentro da sala

- joga o resto da água no aluno que passava perto de sua classe
- professora recrimina prometendo, punição (sem recreio)
- retruca a professora, dizendo que não obedeceria
- Professora solicite que sente-se o que ele obedece.

2. Observação - aula de artes

Sujeito 1

- após a solicitação da tarefa pelo professor (sala de artes) , o sujeito retrucou, ao ir até ao professor: o que eu faço com este "bagulho".
- É chamado a porta por um colega de outra classe, a professora proíbe, mas ele desobedece e retorna falando em voz alta com os colegas.

- Sobe na cadeira para olhar pela janela
- Interage agressivamente com outro colega
- Senta-se, mas logo levanta para conversar com 2 colegas retardatários, que estava entrando na classe convida um desses 2 colegas para sentar-se ao seu lado
- Inicia conversa com este aluno (sujeito 3)
- Professor repreende o sujeito
- Sujeito responde agressivamente
- Continua conversa sujeito 3
- Interage agressivamente com todos os outros colegas, que revidam, mandando sair da sala.
- Promete "puxar" a cortina
- Senta-se no seu lugar manuseando seus materiais
- Vai até a carteira de outro aluno e risca-a
- Dá risada de um colega que vai até ao seu lugar e canta uma canção.
- Continua conversa com o sujeito 3
- Professor solicita que retorne a atividade
- Não atende ao professor
- Brinca com um giz achado no chão
- É escolhido pelo professor por solicitação da direção, para participar de uma excursão ao senado Federal.
- Admira-se de ter sido escolhido

2. observação - aula de matemática

- reclama da disciplina, dizendo que é chata
- olha o caderno manuseando a mochila
- conversa sozinho
- ironiza e ridiculariza uma colega que comete erro
- levanta para jogar papel na lixeira

- perambula pela sala para incomodar com os outros alunos, conversando empurrando
 - retorna ao seu lugar
 - repete o que o professor está dizendo
 - chama a atenção do sujeito 3
- conversa com o sujeito 3
- Levanta da carteira e gritando, arranca página do caderno para jogar na lixeira
 - Retorna à carteira
 - Escreve no caderno,
 - Folheia as páginas
 - Rasga uma página e retorna à lixeira
 - Retorna a carteira, cantando uma música
 - Comenta sobre pichação
 - Diz que não vai limpar novamente a pichação
 - Começa a desenhar
 - Professor solicita tarefa – medir a sala
 - Não atende ao professor, continua desenhando
 - Demonstra constantemente indiferença às explicações do professor.
 - Continuando desenhando
2. Observação – aula de Português.
- entra na classe o instrutor do PROERD (programa de drogas da polícia militar) solicita leitura individual.
 - Sujeito não presta atenção
 - Começa a desenhar no seu caderno
 - Continua indiferente ao trabalho do programa, mesmo com toda quase classe participando
 - Questionado pela professora a respeito da apostila responde que deixou em casa (professora reclama por nunca trazer)
 - Faz comentários pejorativos sobre colega que é repreendida pela professora.

- Continua comentários pejorativos e ridiculariza outros colegas
- Instrutor do programa coloca música no som sobre combate às drogas
- Sujeito grita " se problema é droga, droga na minha mão"
- Professor regente retorna a aula, solicitando atividade
- Sujeito continua indiferente à proposta

2. observação

- chuta colega na fila
- assobia na sala
- senta-se na carteira, mas vira-se para o lado contrário ao professor
- conversa com o colega
- levanta-se
- perambula pela sala
- senta-se novamente
- conversa com o colega ao lado
- fala alto
- a professora solicita silêncio
- não atende

- levanta-se para jogar papel no lixo

- retorna ao seu lugar, mas incomodando os colegas ao passar por sua carteira.
- Senta-se de lado na carteira e continua conversando com o colega do lado.

OBSERVAÇÃO REALIZADA NO DIA 20/05 /AULA DE ARTES

A sala contém cerca de 34 alunos que tem idade entre 10 a 12 anos. O professor solicitou a confecção de caixas na aula de artes, este orientou aos alunos como fazê-las. Mesmo se colocando em pontos estratégicos em sala de aula, afim de que todos pudesse acompanhá-lo na explicação, alguns alunos se levantaram para olhá-lo de perto. Outros solicitaram ajuda na mesa ; porém, em aluno que será chamado da letra A foi até o professor perguntar o próximo passo para a confecção da caixa , usou o seguinte termo: "o que eu faço com esse bagulho". O professor continuou a explicação, nesse momento um aluno de outra turma solicitou a presença do aluno A e outro aluno B, porém o professor não permite que estes saem fora da sala de aula os dois reclamam, o aluno B continua sentado, porém,

reclamando o aluno A, vai até a porta, conversa rápido, volta conversando alto com outros que estão em sala de aula. O aluno A, volta para sua em sala de aula, pois, fora solicitado a sentar, pelo professor, a turma faz a atividade, mas, virá uma conversa geral pela sala, o aluno A, sobe na cadeira para olhar o lado de fora da janela, o aluno B, corre pela sala, o aluno A, mexe com outro aluno que o xinga. Dois alunos chegam atrasados, o aluno A, imediatamente sai do lugar para conversar com um desses alunos, o aluno A, convida o mesmo para sentar-se ao seu lado, este aluno C senta, porém, não dá atenção ao professor que explica o que estão fazendo, o aluno A, conversa com o aluno C, começa uma movimentação na turma vários alunos levantam e andam pela sala o professor ordena que voltem as seus lugares, retoma a explicação, agora do poema que será colocado na caixa e apresentado a um dos colegas de sala, o professor chama a atenção do aluno A, que grita, "To aqui, tô aqui". Vira e continua conversando com o aluno C que ainda não fez nenhuma atividade, o aluno A levanta e mexe com outros alunos em sala que revidam com gritos mandando-o sair, voltar para seu lugar, mas, continua de pé dizendo "fazer uma pichação na carteira.".., senta na cadeira e mexe em seus materiais, o aluno C anda pela sala de aula e se junta com mais dois D e E os três vão até a janela para olhar o lado de fora as sala de aula, o professor continua o professor continua a orientar os alunos, chama a atenção do aluno C por ver que este não fizera nada, o aluno A senta ao lado de outro aluno e rabisca sua carteira, o aluno reclama, o aluno D levanta vai até o A, canta alguma coisa e os dois começam a rir, o professor chama novamente a atenção, o aluno D volta até sua mesa, senta porém, continua conversando com o aluno A e C, o professor da ordem para que façam a atividade o aluno D retoma a atividade, o aluno C mexe nos materiais, pega uma folha para começa o poema solicitado pelo professor o aluno A brinca com um giz que achara no chão da sala de aula. Entra na sala de aula o assistente pedagógico da escola anunciando quais serão os dois alunos escolhidos pelo professor para irem a uma excursão no Senado Federal, todos ficam calados, o assistente diz que serão os alunos A e C, o aluno A mostra um sorriso e diz "eu achava que seria outro aluno", o aluno C se mostra indiferente.

OBSERVAÇÃO REALIZADA EM 30/05 /AULA DE MATEMÁTICA

O professor ao explicar a aula de matemática a turma, o aluno A reclama da matéria "isso é muito chato, todos participam da aula porém o aluno A olha o caderno mexe na mochila e conversa sozinho. O professor faz indagações à turma referente a matéria dada, uma das alunas responde errado o aluno C grita chamando a colega de burra, o aluno A acompanha a gozação. O aluno C levanta para jogar papel na lixeira, anda pelo corredor mexendo com os colegas, conversa empurra, volta a sentar, ouve o professor repetindo o que o professor está falando – o aluno C olha para o professor que explica e bate na carteira. O aluno A chama atenção do aluno C e começa a conversa com ele, o professor solicita uma aluna para resolver um problema que será simulado por ele o aluno A levanta gritando, vai até a lixeira jogar folhas que retirava do caderno, o professor continua fazendo simulação junto a aluna. O aluno C e o aluno D saem andando pela sala. O aluno A escreve algo no caderno, folheia as páginas, rasga uma folha e vai novamente até a lixeira, volta cantando uma música, comenta sobre pichação que está na parede da sala de aula: "olha aí já picharam de novo, não vou limpar mais não", volta até sua mesa pega o caderno e começa a desenhar.

O aluno C começa a observar a aula quando o professor começa a medir a sala, este responde a pergunta do professor junto com os demais da sala. O aluno A continua escrevendo e desenhando no caderno indiferente as explicações do professor. O professor propõe exercícios para os alunos no livro que começam a fazê-los, o aluno C conversa indiferente ao que o professor pedira, o aluno A continua fazendo o desenho.

OBSERVAÇÃO REALIZADA DIA 31/ 05 /AULA DE PORTUGUÊS

Entra em sala o professor do PROERD solicita a atenção dos alunos para o tema do dia, as crianças fazem leitura individualizada. O aluno A parece não ver o professor, pega, o seu caderno e começa a desenhar, a turma participa tecendo comentários a respeito do tema trabalhado, o aluno A continua indiferente as atividades propostas, cabisbaixo continua a fazer seu desenho o professor regente pergunta ao aluno A onde está a apostila do PROERD, este responde que está em casa o professor reclama ao professor do PROERD, ele nunca traz. Uma aluna é chamada atenção para por estar rindo alto e conversando. O aluno A faz comentários a respeito da aluna e demais em sala, ri de todos, continua desenhando não faz a tarefa que foi solicitado. O professor do PROERD, liga o som para cantarem a música do programa, a música tece comentários sobre a importância de dizer não as drogas, o aluno A grita "se o problema é droga, droga, droga na minha mão". Todos cantam. O professor regente retoma sua aula explicando como fazer um livrinho por meio de dobradura para produções de texto, os alunos se mostram atentos e começam a confeccionar o livrinho o aluno A continua quieto desenhando indiferente a atividade proposta.

OBSERVAÇÃO REALIZADA EM 1/06/ AULA DE PORTUGUÊS

ALUNO A

Chuta colega na fila assobia na sala de aula, senta-se olhando para trás, conversa com o colega ao lado, levanta-se toda hora, conversa com o colega ao lado fala alto Não atende pedido de silêncio levanta-se para jogar papel no lixo volta ao lugar mexendo com os outros senta-se de lado para conversar.

Aluno B

Apelida os colega e brinca com os mesmos, fala alto demais , chama a atenção para si mesmo com brincadeiras, levanta-se intermitentemente, joga bola de papel, usar laser, conversa com colegas não obedece ordens para parar de conversar.

Aluno C

Conversa o tempo todo com os colegas, levanta constantemente da sua carteira, fala alto e ri às gargalhadas, levanta-se toda hora para jogar papel na lixeira., Joga bola de papel nos outros alunos.

